

O CONSUMO DE PORNOGRAFIA FEMINISTA POR MULHERES: O QUE ELAS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?

MAYTÊ CABRAL MESQUITA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

CARLOS BRUNO ALVES RIBEIRO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

MARCELO DE REZENDE PINTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

O CONSUMO DE PORNOGRAFIA FEMINISTA POR MULHERES: O QUE ELAS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?

Introdução

Embora durante décadas a sexualidade tenha sido um importante tema de pesquisa nos campos da medicina, da psicologia e de outras ciências sociais (Walther & Schouten, 2016), parece ainda ser verdadeiro o argumento defendido por Hirschman (1991) ao considerar que tanto a prostituição como a pornografia raramente fazem parte do rol de temáticas da pauta de pesquisadores pertencentes aos estudos de consumo.

No que tange ao consumo de pornografia, é possível apontar que, para muitas pessoas, ainda permanece o tabu de que consumir pornografia gera sensação de transgressão de uma regra muito forte imposta pela sociedade. Além disso, não se pode deixar de mencionar que o consumo de pornografia é uma área misteriosa e desconhecida, principalmente para as mulheres. Muito desse desconhecimento advém de uma imagem socialmente construída através dos últimos séculos de que mulher que consome esse tipo de material carrega uma série de atributos, na maioria das vezes, negativo e desqualificador de seu caráter.

Por outro lado, a partir do entendimento de que o consumidor é um agente que constrói sua própria identidade por meio do consumo, este deve ser percebido como uma questão ampla, ou seja, como desejo, realização de si e não apenas como compra e uso de produtos e roupas, por exemplo. O consumo representa muito o estilo de vida do ser humano, do sujeito enquanto indivíduo e do sujeito enquanto parte de um grupo. Nesse sentido, o consumo deve ser percebido e entendido como a expressão da cultura de um grupo, comunidade ou sociedade, e que é contextual e temporal.

Do ponto de vista mercadológico, não se pode deixar de mencionar que a pornografia, entendida aqui como “todo tipo de produção escrita, musical, plástica ou audiovisual que seja voltada para um mercado próprio e que tenha como principal objetivo a obtenção do lucro econômico através da excitação de seu público consumidor” (Leite Jr., 2012, p. 101), faz parte de um mercado pujante que movimenta bilhões de dólares por ano em escala mundial e mais de um bilhão de reais anualmente no Brasil, segundo dados da Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (Abeme, 2018).

Foi a partir dessa interlocução entre os estudos de sexualidade, pornografia e consumo que se oportunizou a condução de uma pesquisa empírica cujo objetivo foi compreender como o consumo de pornografia permeia o exercício da sexualidade por mulheres. Na análise dos resultados emergiu uma questão que, até então, não havia sido levantada: a existência de uma modalidade de pornografia, denominada de “pornografia feminista”, feita para mulheres e na sua maioria produzida e dirigida por mulheres (Santana, 2013; Pátaro, 2013). Essa constatação encontra eco na discussão promovida por Santana (2013) ao argumentar que o crescimento do público feminino consumidor de pornografia acabou por chamar a atenção dos produtores desse gênero de produção para a necessidade de criar novas narrativas que estivessem mais coerentes com a percepção, com os gostos e, sobretudo, com a forma de (re)significação da sexualidade pelas mulheres.

Foi justamente a partir da emergência dessa categoria de pornografia apontada pelas participantes da pesquisa que oportunizou a elaboração desse artigo que visa à discussão, considerada ainda incipiente nos estudos que articulam as temáticas envolvendo o consumo, a sexualidade, a pornografia e o gênero. Nesse sentido, o presente artigo joga luz sobre a forma como as mulheres, por meio de seus discursos, a partir do conceito de “pornografia feminista” estão (re)construindo suas interpretações acerca da sexualidade, do consumo de pornografia e da percepção do conceito de feminismo.

Ainda que a proposição dessa articulação possa oferecer polêmicas quando pensada no âmbito dos estudos do consumo, por outro lado, ela também pode oferecer elementos para

diversas reflexões acerca do papel que o consumo possui na sociedade moderna como um complexo “operador” da dinâmica social. Além disso, a articulação desses temas traz para o campo uma discussão original e ainda pouco presente nos fóruns do estudo do consumo. Embora possa ser possível citar trabalhos que já se debruçaram sobre esses temas oriundos de outras áreas do conhecimento (Ciclitira, 2004; Kämpf, 2008; Santana, 2013; Pátaro, 2013), parecem faltar relatos de pesquisas nas quais se dê voz às mulheres que consomem pornografia com o intuito de compreender a forma como elas percebem e interpretam o conceito de pornografia feminista. Assim, não se pode deixar de mencionar que os resultados do trabalho podem contribuir para uma discussão provocativa descortinando o debate a partir das seguintes indagações: para as mulheres, quais são os sentidos atrelados à pornografia quando se pensa em uma modalidade “feminista”? Em que essa modalidade se diferencia da tradicional? A pornografia feminista contribui ou não para reforçar os tabus ligados à sexualidade feminina? Em suma, na perspectiva das mulheres, a pornografia feminista representa uma nova narrativa ou apenas uma nova “maquiagem” de velhos conceitos?

O artigo foi estruturado em algumas seções, além dessa introdução. Buscou-se dedicar um espaço para se explorar os possíveis diálogos entre a sexualidade, o feminismo e suas conexões com o gênero. Na sequência, achou-se adequado incluir uma discussão sobre as aproximações e distanciamentos entre o erótico e o pornográfico, tendo a perspectiva do consumo como foco. Uma seção foi acrescentada no texto para se discutir os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de campo. Alguns excertos das falas das entrevistadas foram analisados à luz da Análise do Discurso para compor a seção de análise dos resultados. O artigo é finalizado com apontamentos sobre as conclusões gerais do estudo e as sugestões para trabalhos futuros.

Revisão da literatura

Diálogos: A sexualidade, o feminismo e suas conexões com o gênero

A definição de sexualidade é multifacetada. Ela pode ser compreendida como uma dimensão humana, profundamente ligada à vida, ao amor, à expressão subjetiva da autonomia e da beleza, que o próprio ser humano traz em sua singularidade como pessoa (Cabral & Romeiro, 2011). Para Ribeiro (2005), a sexualidade é como um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual. Mas não se limita a isso. O conceito de sexualidade abrange o impulso sexual e tudo o que dele decorre, como o desejo, a procura por um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, bem como a influência exercida pela cultura, sociedade e família, e ainda a moral, os valores, a religião, a sublimação e a repressão.

Originalmente, tem-se a sexualidade como uma concepção biológica e seu propósito básico é a perpetuação da espécie. Entretanto, essa lógica se alterou e foi para além do impulso biológico, passando a ser entendida como a forma com que se dá e se recebe o prazer (Ribeiro, 2005). Bozon (2004), em seu livro intitulado *Sociologia da Sexualidade*, afirma que a sexualidade humana “não é um dado da natureza”, mas sim construída socialmente pelo contexto social que tem um papel fundamental na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos e, também, entre as gerações. Desse modo, o autor destaca o papel central que a construção social tem na elaboração da sexualidade humana. “[...] Como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira aceitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, apreendidas ambas através da cultura” (Bozon, 2004, p. 13). Com isso, tanto o sentido da sexualidade quanto a prática do sexo são construídos culturalmente, existindo assim uma dimensão sociocultural embasada historicamente por normas e padrões, a qual dá aos indivíduos a compreensão do que seja a sexualidade (Ribeiro, 2005).

Isso acaba por alterar o modo como a sexualidade vem sendo experienciada. Entre essas alterações, para Bozon (2004), o sexo deixou de ser identificado via fecundidade e procriação. A troca sexual passou a conduzir a conjugalidade, portanto, o fato de não viver com alguém não impede a vida sexual. Se antes, por exemplo, no século XII a circunscrição do exercício sexual à esfera conjugal se baseava no tratamento cristão da sexualidade, o casamento monogâmico e indissolúvel era instituído como forma de delimitação da atividade sexual à vida conjugal. Aos cônjuges, era vedada a demonstração de paixão, e a Igreja estabeleceu como pecados a prostituição, o adultério, a homossexualidade e o autoerotismo. Além disso, as relações sexuais não podiam ser feitas a qualquer momento, havendo dias predeterminados para tal. Com isso, tem-se instalada a culpa no imaginário social e quem não obedecesse às regras estaria cometendo um pecado e pagaria com a própria alma, condenada ao Inferno (Ribeiro, 2005). Para Bozon (2004), na Idade Média, tudo isso era vigiado, pela prática da confissão com o intuito de controlar a vida moral dos fiéis e impedir a atividade sexual fora do casamento. Foucault (1988) complementa que a Igreja Católica possuía manuais de confissão os quais indicavam que uma confissão completa contemplaria a posição em que o sexo foi feito, quais atitudes, gestos e toques foram realizados pelos parceiros, o momento exato do prazer, isto constituía uma análise detalhada do ato sexual.

Outra transformação importante está relacionada à dissociação entre procriação e sexualidade. A partir do século XIX, a sexualidade passou a constituir um problema e a ter uma conotação pejorativa, sendo vista como um ato imoral quando praticado sem fins reprodutivos. Essa dissociação foi permitida pela revolução sexual, fenômeno que ocorreu no mundo ocidental de 1960 a 1970 e que pode ser entendido como um pensamento social que desafia os códigos comportamentais tradicionais relativos à sexualidade e às relações interpessoais. Esse processo se caracteriza pelo controle do corpo e pela ampla difusão de métodos contraceptivos médicos como a pílula, dispositivo intrauterino ou DIU, esterilização feminina, controlados pela mulher e acompanhados de uma maior autonomia e controle do processo reprodutivo, propiciando um sentimento de confiança e de domínio que até então não havia sido vivenciado.

Entretanto, “durante muito tempo a reprodução foi considerada natural e óbvia, inscrita na organização e na representação androcêntrica do mundo e das coisas. A posição subordinada das mulheres na reprodução era apenas um dos múltiplos aspectos de inferioridade do feminino no mundo social e sensível” (Bozon, 2004, p. 31). Por outro lado, na percepção contemporânea da sexualidade, as relações sexuais com finalidade de procriação deixam de ser pensadas de forma totalmente dissociada das não destinadas à fecundação, tanto para casais unidos pelo matrimônio ou não. Com isso, a fecundidade passou a ser vista como um projeto individual, com possibilidade de escolhas e de ser coordenada junto a outras esferas da vida, por exemplo, a profissional. Deste modo, a procriação na sexualidade contemporânea “ocupa apenas um espaço reduzido e marginal. Doravante, a sexualidade aparece como uma experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito, em um domínio que se desenvolveu e assumiu um peso considerável no decorrer dos séculos: a esfera da intimidade e da afetividade” (Bozon, 2004, p. 43). Del Priore (2011) corrobora com essa informação ao mencionar que a revolução sexual significou a busca pela realização no plano individual, a ideia do direito ao prazer e a consciência de que problemas sexuais não teriam lugar no mundo. Ademais, houve o início da democratização da beleza, levando à busca do bem-estar e o retardamento do envelhecimento. Assim, a sexualidade passou a ser encarada como um ato saudável.

As relações no dia a dia dos casais foram mudando. O beijo profundo, de língua, antes escandaloso, passou a ser sinônimo de paixão. “A sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, se estendeu a outras partes do corpo. As preliminares ficaram mais longas. A limpeza do corpo e o hedonismo alimentavam carinhos antes inexistentes. Todo corpo a corpo

amoroso tornava-se possível” (Del Priore, 2011, p. 177). O prazer passa a ser o centro exclusivo das relações sexuais e não mais a reprodução e a gravidez. O orgasmo é a finalidade e a realidade profunda da sexualidade, e também unidade de medida da atividade sexual (Bozon, 2004). Conforme Del Priore (2011), o orgasmo simultâneo determinava a qualidade das relações e significava o reconhecimento da capacidade das mulheres de gozar igual aos homens.

Outra transformação da sexualidade ocorreu nas últimas décadas do século XX que refere-se ao alongamento do calendário sexual na vida dos indivíduos, tanto para uma iniciação precoce quanto para um prolongamento até idades mais avançadas, proveniente de vários fatores como a ampliação da expectativa de vida, a organização contemporânea das idades distinguindo as fases da vida, a crescente mobilidade conjugal e a valorização de um “ideal de juventude”, como se fosse possível ser jovem a vida toda (Bozon, 2004). Essa transformação no prolongamento da vida sexual derrubou paradigmas, por exemplo, a menopausa, que via construção social, psicológica e argumentação biológica, deixou de ser vista como um marco do fim da vida sexual das mulheres, como era encarado até os anos 1960. Outra mudança se refere à iniciação sexual para idades menores, o que permitiu às mulheres terem uma vida pré-conjugal, o que antes, por volta de 1950 e 60, era apenas privilégio dos homens. Com a iniciação mais precoce e o prolongamento da vida sexual, as mulheres conheceram uma experiência sexual equivalente à dos homens, fato que até então não ocorria. Além disso, a passividade feminina também passou por transformação, isto é, as mulheres têm tomado iniciativa nas relações sexuais, o que antes também não ocorria (Bozon, 2004).

Mais uma transformação que ocorreu na história da sexualidade foi à liberação das minorias sexuais com visibilidade e aceitação social de sexualidades alternativas, contribuindo para redefinir o horizonte da experiência sexual para todos os indivíduos. Mesmo com todas essas transformações da sexualidade ao longo do tempo, “a sexualidade não revolucionou as relações de gênero e nem modificou radicalmente os lugares de cada um, as experiências sexuais continuam estruturadas por pares de oposição, em tensão permanente” (Bozon, 2004, p. 94). Para Cabral e Romeiro (2011), lamentavelmente, a sexualidade limita-se a meras receitas de sexo perfeito e ao orgasmo fabuloso, principalmente na abordagem veiculada nos meios de comunicação de massa, deixando de lado toda possibilidade estética, ética e amorosa da sexualidade. Para os autores, a excessiva valorização dos corpos esconde uma velada submissão, uma vez que no corpo perfeito o indivíduo passa a ser meramente um objeto de consumo.

No entanto, os indivíduos não são mais socializados sexualmente apenas a partir de um conjunto de regras e de valores hegemônicos, o qual era imposto de forma inquestionável e definitiva. Atualmente, as pessoas alteram seus comportamentos sexuais progressivamente ao longo da vida, a partir das próprias interpretações e reinterpretções sobre a sexualidade (Bozon, 2004). Outro ponto importante nesse processo de evolução da sexualidade advindo da revolução sexual, em que a sociedade tornou-se mais permissiva, foi à ampliação do acesso e consumo de pornografia, tanto por parte dos homens, mas principalmente por parte das mulheres. Essa discussão será conduzida na próxima seção.

Erótico e pornográfico: O consumo à meia luz

Hald (2006) compreende a pornografia como qualquer tipo de material com o objetivo de criar ou aumentar sentimentos ou pensamentos sexuais no receptor e, ao mesmo tempo, de conter exposição explícita e/ou descrições dos órgãos genitais e de atos sexuais claros e explícitos. Refere-se, pois, a qualquer material que contenha explicitação do comportamento sexual destinado à excitação.

A pornografia é uma maneira de classificar produções culturais, no âmbito das representações da sexualidade, como um negócio do ramo popular e midiático, considerado inferior e/ou vulgar. Essas características são opostas ao conceito de arte erótica que carrega uma aura de produto mais elitizado e culturalmente valorizado (Leite Jr., 2012). Sendo assim, a pornografia estaria relacionada aos materiais como imagens, escritos, objetos entre outros que produzidos no âmbito dos mercados e com vistas ao lucro estão voltados para algo vulgar, mercantilizado e massificado (Gregori, 2012).

Emerge nessa discussão a constatação de que o consumo de materiais pornográficos expõe e registra tensões, ressignificações e fissuras das normatividades ligadas ao gênero e à sexualidade (Gregori, 2012). Tanto a pornografia quanto a sexualidade vêm sendo modificadas ao longo do tempo pelas mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas. Além disso, percebe-se que uma exerce influência sobre a outra, sendo uma via de mão dupla. A pornografia pode transformar a sexualidade de um indivíduo estimulando-o a realizar novas práticas antes inimagináveis, ou inibindo-o caso, por exemplo, não seja convergente com os seus valores.

Por outro lado, a sexualidade também moldou a pornografia ao longo do tempo. Na Idade Média, o excessivo controle da sociedade por parte do Estado e da Igreja fazia com que a pornografia ficasse mais oculta e restrita a um público específico. Com o passar dos séculos, a sexualidade, a partir da Revolução Sexual, foi ampliada e se tornou mais permissiva, especialmente para as mulheres.

Conforme esclarece Bozon (2004), desde a Antiguidade, a temática sexual aparecia nas mais diversas obras e, pouco a pouco, os escritos e as imagens eróticas passaram a definir um gênero particular e desvalorizado, nomeado de pornografia, palavra que representa etimologicamente “escritos sobre prostitutas e prostituição”. Um dos primeiros escritos considerados pornográficos é a obra de *Diálogos das cortesãs*, de autoria do grego Luciano, no século II a. C. Já no século I, a obra de Ovídio, intitulada *A arte de amar*, apresenta uma compilação de conselhos aos amantes, homens e mulheres. Nela há um detalhamento do processo de sedução e de conquista, desde o encontro até o ato em si, abrangendo as perspectivas tanto dos homens quanto das mulheres. Segundo Bozon (2004), a obra tem como característica convidar os amantes a despenderem tempo para usufruir um ao outro.

Na Europa, iniciou-se uma tradição pornográfica, a partir do Renascimento, caracterizada pela divulgação de imagens com representação explícita de sexo e com palavras que feriam o pudor, abalando a filosofia e a sociedade com suas descrições obscenas (Díaz-Benítez, 2010). No século XVIII, a libertinagem francesa representou uma ruptura nas representações e uma redefinição dos códigos da sexualidade. Naquela época, várias obras libertinas foram apresentadas como filosóficas, uma vez que não tinham como pontos centrais os relatos de prostitutas ou experiências de devassos, e passaram a ser romances de iniciação e formação.

A pornografia política ganhou força nos anos de 1760, na França, por meio de panfletos cujo alvo era a monarquia, inicialmente Luis XV e madame Du Barry e, posteriormente, Maria Antonieta, a devassa, e Luis XVI, o impotente (Bozon, 2004). Independentemente se a obra era galante ou obscena, no século XVIII, todo livro libertino era proibido, portanto, clandestino, ao contrário dos tratados filosóficos e dos panfletos políticos. A proibição das obras libertinas elevou significativamente o sucesso e o fascínio pelas mesmas, gerando um efeito contrário em relação à sua disseminação. Com relação à representação da sexualidade, no século XVIII, foi determinada uma distinção entre os erotismos velado e explícito, mantendo-se, apesar de profundas modificações no seu conteúdo, até à época contemporânea. Essa distinção entre os gêneros consolidou-se, em meados do século XX, opondo o erotismo, considerado um gênero de bom gosto, limpo e que evoca o desejo e amor, e a pornografia, considerada suja, vulgar, que explicita os atos sexuais.

No entanto, assim como na época da libertinagem, esta separação também esconde uma cumplicidade entre os gêneros ao estabelecer os limites de pudor que evoluem constantemente (Bozon, 2004).

A oposição entre pornografia e erotismo foi fortemente deslocada, a partir dos anos 1960, quando surgiram os filmes que colocavam em imagens a atividade sexual. No entanto, de acordo com Bozon (2004), naquela época

Os filmes pornográficos limitavam-se a séries de atos sexuais, organizados em sequências imutáveis de práticas, [...], e cujos cenários, muito sucintos, não têm a menor importância. Totalmente destacado de qualquer forma de emoção ou de tensão racional; o ato sexual só se refere a ele mesmo, a tal ponto que pode ser aumentado e apresentado através de ângulos impossíveis. O paradoxo do produto pornográfico é que o ato não simulado é ali completamente desrealizado, não correspondendo a qualquer experiência humana, feminina ou masculina, além de não provocar entre os espectadores qualquer identificação com os atores (p.124).

A pornografia que se tem hoje nasceu nos últimos trinta anos do século XIX e pode ser definida como “a representação sexual visando em especial à excitação erótica de seu público e estando intimamente relacionada com a produção padronizada para um mercado estabelecido” (Leite Jr., 2009).

Há algumas décadas, o consumo de pornografia ocorria por meio das bancas de revistas, dos cinemas, do clube de aluguel vídeos, locais onde à privacidade do sujeito nem sempre era resguardada, além de serem lugares socialmente estereotipados pela moral, tendo em vista que a pornografia em nossa sociedade é estigmatizada como algo moralmente condenável, sujo e obscuro (Ribeiro Neto & Ceccarelli, 2015). Tal visão é corroborada por Díaz-Benítez (2010, p. 12) ao afirmar que “a pornografia permanece entre discursos e juízos de valor, entre jogos de verdade e regulamentações, continuando a marcar a tensão entre o nominável e o inominável, habitando fronteiras movediças entre o que se considera ‘bom’ e ‘ruim’”.

Do mesmo modo que as mudanças culturais ocorridas com o passar dos anos e apresentadas de maneira distinta em cada grupo ou comunidade, o consumo também se alterou. Assim, além das mudanças culturais, as inovações tecnológicas propiciaram o acesso a todo e qualquer tipo de conteúdo e possibilitaram diversos tipos de consumo, dentre eles, o consumo de pornografia que se tornou mais acessível com os *tablets* e os *smartphones*. Sendo assim, a internet tornou-se mais um meio de veiculação de conteúdos pornográficos, como fotos, vídeos, literatura, profissionais e amadores, tornando-se um local privilegiado desse tipo de conteúdo, uma vez que proporciona ao consumidor facilidade de acesso, resguardo da privacidade do consumidor, permitindo total anonimato, facilidade na procura de gêneros e estilos específicos dentro do conteúdo pornográfico e, também, gratuidade, já que os *websites* para adultos muitas vezes não cobram nada do usuário (Ribeiro Neto & Ceccarelli, 2015).

Assim, ao se tornar mais acessível e ao possibilitar o anonimato por meio da internet, a pornografia torna-se praticamente parte do cotidiano da vida moderna e tem sido tema acalorado para algumas áreas acadêmicas. Dentre elas, é possível citar a Psicologia com os seguintes estudos: a elaboração e a validação de um instrumento de medida das atitudes frente ao consumo de materiais pornográficos, aplicada a universitários (Guerra, Andrade & Dias, 2004); as diferenças de gênero e o consumo de pornografia entre adultos dinamarqueses (Hald, 2006); os comportamentos sexuais relacionados ao consumo de pornografia on-line por mulheres portuguesas (Gaspar & Carvalheira, 2012); a relação entre consumo de pornografia e agressão sexual praticada por estudantes universitários do sexo masculino (D’Abreu, 2013); a associação entre comportamentos sexuais de risco e consumo de pornografia (Harkness,

Mullan, & Blaszczynski, 2015). É possível citar também o estudo realizado por Brajdić Vuković, Došen, Ghazzawi e Tarokić (2013) de cunho qualitativo, que analisou, dentre outros dados, as formas de iniciação do consumo de pornografia por parte das mulheres. Segundo as autoras, a pornografia apresenta-se para as mulheres com um estigma de promiscuidade, tornando-se uma barreira para o consumo desse tipo de conteúdo, e, em geral, o primeiro contato com a pornografia se dá na adolescência, mas de forma acidental, muitas vezes numa troca de canal na televisão ou no acesso a um site desconhecido. Apesar dessa barreira inicial, as autoras afirmam que a abertura para o consumo mais frequente está atrelada à maturidade da mulher. Ademais, as autoras apontam em seus resultados que um dos maiores obstáculos para o consumo de pornografia é o duplo padrão na sociedade de acordo com os papéis sexuais masculinos e femininos.

Por fim, cabe mencionar que as experiências individuais associadas ao contexto cultural, por meio do sistema de crenças compartilhadas, normas sociais, valores e expectativas relativas à forma correta de comportamento frente a determinadas situações, formam nossas identidades, juntamente com as influências de pais, de amigos, de instituições como escola e igreja e dos meios de comunicação de massa (Guerra, Andrade & Dias, 2004). O consumo de pornografia pode ser encarado como um influenciador, permitindo que as pessoas, a partir das suas próprias experiências e interpretações da sexualidade, alterem seu comportamento sexual progressivamente ao longo da vida. Sendo assim, será que pornografia feminista mantém ou reforça a objetificação da mulher? Reforça padrões e estereótipos? E hoje, ela é sutil, implícita ou explícita?

Procedimentos metodológicos

A investigação conduzida para o alcance dos objetivos propostos contém características que a alinham às pesquisas de cunho interpretativista, de natureza exploratória (Morgan, 2007; Vergara & Caldas, 2005; Burrell & Morgan, 1979), com abordagem qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006).

É importante destacar que duas fases da investigação foram implementadas. A primeira delas consistiu de observações por parte de uma das autoras do trabalho em um grupo secreto da rede social *Facebook*, de nome fictício “Falando de Sexualidade”, formado apenas por mulheres de todo o Brasil. Essa comunidade foi criada com o intuito de compartilhar experiências, fotos, vídeos, histórias que tenham como temáticas principais sexo, sexualidade e empoderamento feminino, além de questionar e debater sobre diversos assuntos que envolvem sexualidade, prazer, consumo de pornografia, dentre outros.

A partir do material coletado durante a observação nesse grupo do *Facebook*, elaborou-se um roteiro de entrevista que possibilitou a realização de entrevistas em profundidade com 11 mulheres do referido grupo, que se declararam consumidoras de pornografia on-line. O critério utilizado para selecionar as entrevistadas foi a disponibilidade e interesse que demonstraram em participar, confirmação da participação e agendamento da entrevista (Bauer & Gaskell, 2007). Das entrevistas, 4 foram conduzidas presencialmente em lugares públicos previamente escolhidos pelas entrevistadas e 7 foram feitas a distância, em vídeo via Skype. O instrumento de coleta de dados foi o roteiro semiestruturado. As entrevistas foram gravadas em áudio, resultando 12 horas e 59 minutos e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Todas as participantes disseram ter de 20 a 38 anos. A maioria delas declarou ter ensino superior, 3 delas ainda não são formadas na graduação, 02 delas são estudantes de pós-graduação *stricto sensu* e duas delas se declararam professoras do ensino superior. Com relação ao estado civil, 03 são casadas e 08 são solteiras, e destas últimas, 06 possuem um relacionamento. No que se refere à orientação sexual, 07 declararam ser heterossexual e 4 disseram ser bissexual. Apenas 02 delas indicaram ter descoberto a sexualidade via

pornografia. Cabe ressaltar ainda que grande parte das entrevistadas disse ser de origem de uma configuração familiar tradicional.

Na etapa de análise dos dados, lançou-se mão da análise do discurso de vertente francesa como uma proposta metodológica. Essa corrente permite trabalhar com interlocuções entre aspectos culturais e sociais na construção da realidade ao relacionar a teoria, o objeto e prática, permitindo que o pesquisador compreenda, por meio do discurso, a história, o sujeito, a linguagem e a ideologia (Orlandi, 2012). Foi na fase de análise de dados que a temática referente à pornografia feminista emergiu, o que chamou a atenção da equipe de pesquisadores para se aprofundar nessa questão.

Diante do exposto, torna-se relevante compreender a significação dos discursos construídos pelas entrevistadas por meio da sua relação com o consumo de pornografia. Uma vez que o discurso inerente ao sexo, ao gênero e a replicação social da objetificação da mulher passa pelo discurso intrínseco aos significados reproduzidos no consumo de pornografia, tidas como feminista. Para tanto, as análises subsequentes partem de trechos dos fragmentos discursivos, erigidas sob o prisma da análise do discurso de corrente francesa de linha pechetiana, em que se analisa o contexto e os aspectos sociais, históricos e ideológicos embebidos nas narrativas. Deste modo, as análises dos fragmentos discursivos transpassam a análise lexical, os temas, explícitos ou implícitos nos discursos, o trajeto semântico estruturado a partir dos temas, os elementos interdiscursivos, as particularidades da sintaxe discursiva, os aspectos refletidos e refratados nos discursos, os aspectos sociais de construção dos discursos e os aspectos ideológicos presentes nas narrativas.

A partir das análises conduzidas, duas categorias emergiram: a primeira foi intitulada “A construção discursiva do consumo de pornografia pelas mulheres” e a segunda, nomeada “A pornografia feminista a partir do discurso delas”. Ambas constituirão o foco do artigo na próxima seção.

Análise dos resultados

A construção discursiva do consumo de pornografia pelas mulheres

Os discursos acerca do consumo de pornografia são constituídos por interdiscursos que expressam os pontos de vista, opiniões, posicionamentos e que resgatam imagens da sexualidade e de tudo que a envolve. Trata-se do resgate de memórias discursivas construídas socialmente. Contextualizando a discussão, ao longo dos anos, as mulheres vêm conquistando espaço nas variadas esferas da sociedade, ganhando inclusive participação em âmbitos antes dominados pelos homens, como, por exemplo, no mercado de trabalho, na comunidade acadêmica, na política, tornando-se responsáveis pelas famílias e domicílios, ficando mais independentes. Dentre esses domínios antes exclusivos aos homens, é possível incluir o consumo de pornografia que, com o passar dos anos e com a revolução sexual, vem se tornando uma esfera ocupada pelas mulheres.

Antes de virar consumidora eu tinha uma barreira assim, eu achava estranho, achava escroto e tal. E, depois de consumir, eu vi que pode ser uma ferramenta para me estimular também, então quebrou um pouco assim, o preconceito de quem consome, na verdade. Enquanto consumidora, consumindo pornografia, eu me sinto dona do meu prazer, no sentido de que é uma coisa que não era para as mulheres por uma série de fatores, e de repente eu, mulher, estou ali consumindo porque eu quero. Então eu me sinto tendo autonomia daquilo que me dá prazer (Entrevistada 04).

As seleções lexicais “estranho” e “escroto” nesse fragmento discursivo reforçam a visão de que o consumo de pornografia é visto como algo ruim, além de soar como algo que

não é “normal” ou não está no “padrão das normas” estabelecidas pela sociedade. Nesse ponto de vista, a pornografia é estigmatizada como algo moralmente condenável, sujo e obsceno, reforçando o que afirma Díaz-Benítez (2010, p.12), de que “a pornografia permanece entre discursos e juízos de valor, entre jogos de verdade e regulamentações, continuando a marcar a tensão entre o nominável e o inominável, habitando fronteiras movediças entre o que se considera ‘bom’ e ‘ruim’”. No fragmento discursivo fica evidente que o consumo de pornografia é importante para a entrevistada no que tange à reformulação das percepções e à criação de sentidos quanto à própria pornografia, ao prazer, ao autoconhecimento, como também na constituição de suas subjetividades. Tudo isso reforça, conforme afirmam Barbosa e Campbell (2006), que os objetos, bens e serviços servem para suprir necessidades físicas e biológicas, mediar relações sociais, conferir status, construir identidades e estabelecer fronteiras entre grupos, além de auxiliar na descoberta ou na constituição da subjetividade e da identidade individuais.

Ademais, as seleções lexicais “no sentido de que é uma coisa que não era para as mulheres por uma série de fatores, e de repente eu, mulher, estou ali consumindo porque eu quero” evidenciam que há sim um discurso maior, uma ideologia que estabelece as regras do jogo, de que mulher não consome pornografia, ou seja, “coisa que não era para as mulheres”. Esse discurso demarca quais são as experiências possíveis para as mulheres, tendo-se aí um estereótipo de gênero, já que esse comportamento é entendido como masculino. Todavia, mesmo assim, há o poder de agência dos indivíduos e consumidores, sendo o consumo percebido como um mecanismo social, como produtor de sentido e de identidades, pode também ser visto como uma estratégia utilizada no dia a dia dos diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilo de vida e identidades, ou ainda, como uma categoria central na definição da sociedade contemporânea (Barbosa & Campbell, 2006).

No entanto, mesmo que algumas pessoas consumam pelo desejo de ter experiências ou, então, de poder realizar novas descobertas, as ações individuais dos consumidores são influenciadas, antes de tudo, por um contexto cultural mais amplo de concepção dos significados dos bens e/ou serviços consumidos. Em outras palavras, o consumo pode também ser percebido como uma ação individual influenciada por um contexto cultural e pelos significados relacionados à sociedade a qual é pertencente (Migueles, 2007).

Para a entrevistada 08 “[...] a pornografia é reflexo dessa posição de gênero da mulher, que é colocada como inferior”. Nesse sentido, para a interlocutora, o assunto pornografia parece ser carregando de todo aspecto simbólico que lhe é conferido enquanto mulher, que se assume e evoca o imaginário social de inferioridade ou submissão. Além disso, tal visão é enfatizada pelo substantivo “reflexo” que tem por finalidade colocar a pornografia como espelho da sujeição da mulher. Subtende-se, deste modo, que o homem nessa relação assume o papel de dominante. Esse é um aspecto refletido no papel ocupado pelo gênero masculino na sociedade. Ademais, a imagem projetada pela entrevistada 08 é típica dos conteúdos pornográficos e que acaba por reforçar a dominação da mulher pelo homem, podendo também ser transposta para outras esferas da vida social. Toda essa discussão parece encontrar eco na ideia de que a sexualidade humana “não é um dado da natureza”, mas sim construída socialmente, tendo papel fundamental na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos (Bozon, 2004).

Nessa mesma linha de entendimento, para a entrevistada 04, a pornografia é feita para satisfação e prazer dos homens. É válido perceber, por meio da fala da entrevistada, que esse tipo de conteúdo não visa o prazer da mulher. “É complicado, porque pornografia, de modo geral, é feita por homens e para homens, visando o prazer do homem” (Entrevistada 04). Em conformidade com esse trecho, a entrevistada 07 ratifica a visão de que a pornografia está a serviço dos homens, no qual relata o ponto de vista em relação ao público alvo da pornografia. “Eu acho que o que existe hoje de pornografia é feito para homens. Nada do que

tem hoje no comum foi feito pensado para mulheres [...]. Então eu acho que, no momento, a pornografia atual, ela é produzida para os homens e não com foco nas mulheres” (Entrevistada 07). Novamente o aspecto refletido aparece nas expressões “o que existe hoje de pornografia é feito para homens” e “a pornografia atual, ela é produzida para os homens” do fragmento discursivo, reforçando a ideia de que a pornografia é coisa de homem. No entanto, é necessário perceber que a interlocutora deixa claro qual é o tipo de pornografia produzida para os homens ao utilizar a expressão “no comum”, referindo-se à pornografia *mainstream* que reforça o padrão composto por relações na maioria das vezes heterossexuais, por atores que representam os estereótipos de beleza e por roteiros com imagens repetitivas que obedecem a um discurso que perpassa fronteiras simbólicas aceitas e, quando exhibe performances sexuais menos comuns, conserva e afirma a organização das relações de gênero (Díaz-Benítez, 2010).

Do mesmo modo, outras entrevistadas ratificam o exposto: “É o olhar, eu acho, o olhar do homem, da pornografia feita por homem para homem. [...] a mulher não tem prazer. Quem goza é o homem. O que eu menos gosto é dessa coisa do apagamento do prazer da mulher” (Entrevistada 03). E em: “A parte da mulher gozar eu nunca vejo. É sempre um fingimento. É tipo, aquele grito de orgasmo fingido, mas não mostra a mulher gozando” (Entrevistada 06). Esses dois fragmentos discursivos preservam o sentido socialmente estabelecido referente ao prazer da mulher, aspectos refletidos, por meio das expressões “a mulher não tem prazer”, “O que eu menos gosto é dessa coisa do apagamento do prazer da mulher” e “A parte da mulher gozar eu nunca vejo”. Trata-se de afirmações legítimas de que o prazer da mulher não é cultuado, somente a satisfação masculina é posta como central na pornografia e também, de modo geral, na esfera social. Indo ao encontro do que aponta Bozon (2004, p. 95), “os homens continuam a ser considerados os principais agentes do ato sexual, e o desejo sexual feminino continua a ser amplamente ignorado, como se o lugar das mulheres devesse permanecer limitado à afetividade”. Assim, é válido mencionar que os conteúdos pornográficos vistos pelas entrevistadas não retratam de maneira adequada o prazer da mulher, pelo contrário, essas produções mostram que o prazer das mulheres não importa, que os corpos desejados são os estereótipos, que a satisfação é masculina e que o gozo do homem é o clímax da relação sexual.

Ou seja, essas percepções acabam por direcionar a discussão para a ideia da pornografia feminista, título da categoria de análise que será analisada na próxima seção.

A pornografia feminista a partir do discurso delas

A partir da discussão do significado que as entrevistas constroem a respeito da pornografia e seu consumo, buscou-se entender qual é o entendimento delas no tocante ao que foi denominado de pornografia feminista. Cabe mencionar que, como enfatiza McElroy (1995), a pornografia e o feminismo são aliados naturais, uma vez que a interlocução entre ambos busca promover o reforço da noção da sexualidade como forma de prazer e autorrealização.

Ao relatarem o que é um filme pornográfico feminista algumas entrevistadas descrevem:

É o que põe a mulher em evidência, não a mulher a serviço. Que reconhece, valoriza o prazer feminino e o corpo feminino. E não o que mostra a mulher como um corpo inerte, que não tem prazer, que está ali a serviço do homem. Que mostra o corpo da mulher de outras formas, que mostre também com jeito, avisando para as mulheres em relação a sexo, em relação ao corpo, e não só essa coisa de focar ali na vagina da mulher: o pinto está ali entrando e acabou [...] (Entrevistada 03).

No fragmento discursivo anterior, encontram-se as marcas de gênero impressas no discurso por meio do uso dos substantivos mulher/mulheres empregado oito vezes, feminino, três vezes, e homem, uma vez. Logo, a frequência da repetição do substantivo mulher/mulheres denota um reforço inerente ao papel desempenhado pela mulher nesses filmes, evidenciando como “a mulher a serviço”, “mostra a mulher como um corpo inerte” e “não só essa coisa de focar ali na vagina da mulher” em contraponto ao ideal projetado pela relatante, “põe a mulher em evidência”, “mostra o corpo da mulher de outras formas”, “avisando para as mulheres em relação a sexo” e “é a [...] feminina que eu acho que aparece nos filmes feito por mulheres, para mulheres”. Essas projeções são reforçadas por meio do uso dos verbos “reconhecer”, “valorizar” e “evidenciar” que se opõem aos aspectos negativos designados as mulheres nesses filmes como foram expressos por meio do verbo “servir” e do adjetivo “inerte”. O uso desses vocábulos coloca a mulher em posição de inferioridade aos homens com o papel de servir, como pode ser evidenciado na relação mulher/serviço e “corpo inerte, que não tem prazer, que está ali a serviço do homem”, deste modo, o uso da palavra “servir” duas vezes ratifica implicitamente que o prazer do homem deve estar em primeiro lugar. Outros aspectos saltam aos olhos nesse trecho como o uso do verbo prazer, implicitamente ligado ao desejo de gozo da mulher. Encontra-se também o uso do substantivo “corpo” repetido quatro vezes no relato em: “corpo feminino”, “corpo inerte”, “corpo da mulher” e “avisando para as mulheres em relação a sexo, em relação ao corpo”. O substantivo corpo nesta perspectiva torna-se carregado de significado. Implicitamente via repetição tem-se uma valorização designada ao corpo da mulher e o seu lugar na relação sexual. A relação entre prazer/corpo e sexo/corpo projeta a idealização do que se deveria encontrar na pornografia feminista. O foco nas genitálias, sob essa percepção, passa a ocupar um lugar secundário: “não só essa coisa de focar ali na vagina da mulher”.

Na percepção da entrevistada, a pornografia tradicional em suas imagens dá ênfase ao prazer masculino, sem destaque ao prazer feminino, este não é cultuado, somente a satisfação masculina é posta como ponto central na pornografia. Os elementos interdiscursivos empoderamento, autoconhecimento, ampliação de possibilidades, prazer e liberdade demonstram um outro sentido que o consumo de pornografia passa a assumir, encontrando eco na ideia de que os sujeitos sociais são agentes de suas próprias práticas e não somente reprodutores da estrutura de significados estabelecidas pela cultura (Lima, 2010).

Em conformidade, a entrevistada 04 relata que:

Um filme pornográfico feminista eu acredito que seria um filme feito por mulheres, para mulheres, e também para homens. Porque não? Igual a questão, o prazer... Porque não contemplar o prazer do homem e da mulher no mesmo vídeo? Mas uma questão que leva em consideração o prazer feminino também. A questão de que a mulher não está ali para fazer caridade para o cara. A mulher está ali também para ser contemplada naquela relação (Entrevistada 04).

Inicialmente a narradora apresenta, a partir do seu ponto de vista, o que seria um filme pornográfico feminista. Em sua primeira frase, por meio da materialidade discursiva, é possível encontrar um discurso igualitário/democrático, “filme feito por mulheres, para mulheres, e também para homens”, o advérbio “também” nesta oração tem função de equivalência, igualdade. Posteriormente, o discurso de igualdade inerente ao prazer do homem e da mulher é reforçado por meio da conjunção “e” presente no trecho: “Porque não contemplar o prazer do homem e da mulher no mesmo vídeo?”.

Em outro trecho, implicitamente, por meio do uso do advérbio “também”, subentendesse que o prazer feminino não é levado em consideração: “Mas uma questão que leva em consideração o prazer feminino também.” Implicitamente neste discurso se reivindica

o prazer de maneira igualitária não apenas o prazer do homem. Essa reivindicação é reforçada novamente na frase seguinte: “A questão de que a mulher não está ali para fazer caridade para o cara”, o substantivo feminino “caridade” é empregado de maneira crítica para designar uma posição de independência/escolha que leve em consideração a projeção dos desejos das mulheres e não uma posição correlata ao servir. Ao proferir: “A mulher está ali também para ser contemplada naquela relação”, novamente o uso do adverbio “também”, empregado três vezes, reivindica a igualdade do prazer. Mesmo com reconhecida capacidade das mulheres de gozar igual aos homens (del Priore, 2011), ainda devido a questões culturais, sociais, familiares e religiosas, o orgasmo feminino não é tido como relevante, isso o coloca em segundo plano. Sendo assim, o prazer da mulher não é cultuado, somente a satisfação masculina é posta como central na pornografia e também, de modo geral, na esfera social. Para Bozon (2004, p.95), “os homens continuam a ser considerados os principais agentes do ato sexual, e o desejo sexual feminino continua a ser amplamente ignorado, como se o lugar das mulheres devesse permanecer limitado à afetividade”.

Uma outra entrevistada parece complementar a ideia de que a pornografia feminista como algo que está relacionada à emancipação da mulher no que concerne ao seu corpo, aos seus desejos, a sua completude como ser humano.

Eu acho que o que diferencia é que ele trata a mulher com humanidade. Ela é um ser humano, ela está participando daquilo dali. Ela não é só mais um móvel no cenário. Ela é uma personagem ativa, uma personagem que se faz presente com o seu desejo, com o seu corpo. É a naturalidade que deveria ser a relação sexual, uma mulher saber o que quer e o que não quer na cama, por exemplo. Eu acho que essa é a grande diferença, traz de volta a humanidade do gênero feminino (Entrevistada 11).

É importante considerar que há aqueles relatos de algumas entrevistadas que assumem uma postura de crítica e descrença com relação ao “rótulo” de pornografia feminista. Ou seja, nesse caso, o relato deixa explícito que o termo acaba sendo uma contradição pelo fato de a pornografia ser, de fato, uma invenção do patriarcado com a intenção de objetificar a mulher por meio da exploração de seu corpo e de sua sexualidade.

Não existe o filme feminista. Não existe pornografia que seja feminista, porque o conceito da pornografia em si objetifica muito a mulher. E mesmo quando a mulher não está sendo retratada nesse filme como um objeto, mesmo quando um filme, por exemplo, ele é lésbico, não tem um homem, ou mesmo quando ela não está sendo submissa nesse filme, a relação de igualdade entre os gêneros se perde, porque aquilo é só para ganhar dinheiro, aquilo é só para ser rentável. Então com esse crescimento do feminismo, a onda de popularidade que o feminismo tem alcançado, surgiu isso de pornografia para mulheres, de filmes feministas, de filmes para mulheres, só que isso é só um rótulo. Em essência, esses filmes continuam sendo muito, muito prejudiciais à sexualidade em geral (Entrevistada 09).

O relato é iniciado com duas negativas: “Não existe o filme feminista. Não existe pornografia que seja feminista porque o conceito da pornografia em si objetifica muito a mulher”. A objetificação da mulher é o tema central da narrativa da entrevistada 09, em que o uso do adverbio “muito” é empregado para intensificar essa percepção. Para a narradora, mesmo que não tenha um homem e que a mulher se encontre em uma posição de submissão no filme, não existe pornografia feminista. No relato, os adjetivos “objeto” e “submissa” carregam significados de inferiorização da figura feminina que tem seu sentido nas relações de poder que são socialmente construídas. Logo, ao afirmar que existe um conceito em: “conceito da pornografia em si objetifica muito a mulher”, implicitamente a entrevistada

assume que socialmente convencionou-se que esse tipo de conteúdo representa a mulher como um objeto que é submissa ao homem. Ao proferir isso se tem uma percepção arraigada no indivíduo do que é pornografia, que por sua vez, se sustenta com base no imaginário social.

Ao citar a mercantilização da pornografia a entrevistada tece uma crítica a esse tipo de mercado, que deixa de lado a relação de igualdade entre os gêneros. “A relação de igualdade entre os gêneros se perde, porque aquilo é só para ganhar dinheiro, aquilo é só para ser rentável”. Por fim, ao denominar de “rótulo” a pornografia feminista a entrevistada deixa subentendido que esse “rótulo” é como uma máscara que traveste com uma nova roupagem esse conteúdo e que no seu interior possivelmente é a mesma pornografia. Neste fragmento discursivo a narradora preserva o sentido socialmente estabelecido referente à pornografia, esses aspectos surgem refletidos na oração: “Pornografia para mulheres, de filmes feministas, de filmes para mulheres, só que isso é só um rótulo. Em essência esses filmes continuam sendo muito, muito prejudiciais à sexualidade em geral”.

Em meio a todo esse debate, torna-se importante caminhar a discussão para as considerações finais do trabalho.

Considerações finais

Ao chegar às considerações finais, torna-se premente resgatar as questões, enunciadas na seção de introdução do artigo, que motivaram a elaboração do trabalho. Deve-se ressaltar que a intenção foi dar voz às mulheres quanto à forma que elas percebem o consumo de pornografia e, sobretudo, a percepção delas no tocante à pornografia feminista. Buscou-se problematizar esse tipo de consumo balizado pela seguinte questão: na visão de mulheres consumidoras desse gênero fílmico, a pornografia feminista representa uma nova narrativa ou apenas uma nova “maquiagem” de velhos conceitos? Fica evidente que a resposta a essa questão polêmica extrapola os domínios desse artigo, mas o debate que ela suscita contribui para “por para conversar” temáticas que podem ser caras ao campo do consumo envolvendo gênero, sexualidade, feminismo e consumo de pornografia.

Sem a pretensão de querer fechar a questão, como conclusão geral, pode-se afirmar alguns pontos. O primeiro deles tem a ver com a ideia de que o consumo de pornografia pelas mulheres se reveste de uma tentativa de reformular as percepções no tocante ao prazer, à sexualidade e ao autoconhecimento. Isto é, em certo sentido, as mulheres veem o consumo de pornografia como algo positivo e, em alguma medida, libertador das amarras dos estereótipos e tabus. Contudo, por outro lado, também a partir dos discursos das entrevistadas, foi possível verificar uma tendência das entrevistadas no sentido de que elas não percebem tanta diferença entre a pornografia *mainstream* e a feminista, pois mesmo sendo produzida por mulheres, com diferenciação nos roteiros e com uma visão mais feminina, as narrativas assistidas por elas não são diferentes formas de representação da sexualidade. Elas acreditam que a diferença talvez seja só o filtro, pois entendem que esses filmes continuam a reproduzir repertórios narrativos dominantes, sendo prejudiciais à sexualidade em geral e tendo, ainda, certa exploração do corpo da mulher. Essas percepções parecem estar em linha com a noção de que qualquer tipo de pornografia contribui para reforçar os estereótipos impostos às mulheres, funcionando como mais uma forma de opressão, já que ao transformá-las em objeto (especialmente endereçadas a audiência masculina), a silenciam enquanto sujeito e anulam seu papel social (Santana, 2013; Pátaro, 2013).

A análise dos discursos nos permite apontar contribuições interessantes para o campo do consumo. Em primeiro lugar, o debate suscitado pelas questões do artigo serve para ratificar a noção de que o consumo pode ser um “operador” da dinâmica social. Queremos dizer com isso que ele funciona como reflexo e refração das ações dos indivíduos na sociedade. O consumo de pornografia, nesse sentido, parece oferecer os diversos elementos

para trazer à tona todas essas questões. Ou seja, por meio do consumo de pornografia, é permitido “ter acesso” às diversas disputas, negociações, conflitos, construções e reconstruções presentes nas relações entre as pessoas. Pode ser apontado também que as discussões aqui conduzidas servem para avançar nas questões que ainda permanecem pouco entendidas no campo do consumo quando se foca nas relações entre identidade, gênero, sexualidade, assim como no debate sobre corpo.

Fica fácil perceber que as potenciais trilhas de pesquisa tangentes a todas essas temáticas são promissoras. A análise dos discursos conduzida se ateve apenas aos comentários das entrevistadas que surgiram espontaneamente na pesquisa. Nesse sentido, investigações que tenham como pilar o entendimento do que é o consumo de pornografia feminista pelas mulheres com um escrutínio mais aprofundado sobre o tema pode revelar mais questões interessantes para o campo. A execução de pesquisas com mulheres de outras idades, de formações culturais distintas e orientações sexuais diferentes se constitui frentes interessantes para os pesquisadores do campo. A pesquisa aqui apresentada focou suas ferramentas de coleta de dados nas entrevistas em profundidade. Outras técnicas de coleta de dados podem contribuir para o resgate de questões consideradas delicadas para o público das mulheres.

Referências

ABEME. *Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual*. Disponível em <https://www.abeme.com.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

Barbosa, L. & Campbell, C. (2006). *O Estudo do Consumo nas Ciências Sociais Contemporâneas*. In: L. Barbosa & C. Campbell (Orgs.). *Cultura, Consumo e Identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2007). (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes.

Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Brajdić Vuković, M., Došen, K., Ghazzawi, L. & Tarokić, S. (2013). Can Pornography Have a Positive Influence on Female Sexuality? Influence of Frequent Pornography Consumption on the Sexual Lives of Women: A Qualitative Study. *Revija za sociologiju*, 43(2), 133-158.

Burrell, G. & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organisational analysis: elements of sociology of corporate life*. Aldershot: Ashgate.

Cabral, R. V. & Romeiro, A. E. (2011). Sobre a sexualidade controlada: poder e repressão sexual em Michel Foucault. *Educação*, 1(1), 87-106.

Ciclitira, K. (2004). Pornography, Women and Feminism: between pleasure and politics. *Sexualities*, 17(3), pp. 281-301.

D'Abreu, L. C. F. (2013). Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Revista Psicologia & Sociedade*, 25(3).

Del Priore, M. (2011). *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil.

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2. ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Díaz-Benítez, M. E. (2010). *Nas redes do sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Gaspar, M. J. & Carvalheira, A. (2012). O consumo de pornografia na internet numa amostra de mulheres Portuguesas. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 163.
- Gregori, M. F. (2012). Erotismo, Mercado e Gênero: uma etnografia dos *sex shops* de São Paulo. *Cadernos Pagu* (38), 53-97.
- Guerra, V. M., Andrade, F. C. B. de & Dias, M. R. (2004). Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 269-277.
- Hald, G. M. (2006). Gender differences in pornography consumption among young heterosexual Danish adults. *Archives of sexual behavior*, 35(5), 577-585.
- Harkness, E. L., Mullan, B. & Blaszczynski, A. (2015). Association between pornography use and sexual risk behaviors in adult consumers: a systematic review. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2), 59-71.
- Hirschman, E. C. (1991). Exploring the Dark Side of Consumer Behavior: Methaphor and Ideology in Prostitution and Pornography. *ACR Gender and Consumer Behavior*.
- Kämpf, R. (2008). *Para uma estética na pornografia*. Dissertação (mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008.
- Leite Jr., J. (2012). Labirintos conceituais científicos nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu* (38), 99-128.
- Leite Jr., J. (2009) A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o “abuso facial”. In: Díaz-Benítez, Maria Elvira e Fígari, Carlos Eduardo. (orgs.) *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond.
- Lima, D. N. O. (2010). *Consumo: uma perspectiva antropológica*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.
- McElroy, W. (1995). *XXX - A Woman's Right to Pornography*. New York: Martin's Press.
- Migueles, C. (2007). *Antropologia do consumo: casos brasileiros*. FGV Editora.
- Morgan, D. L. (2007). Paradigms Lost and Pragmatism Regained: Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods. *Journal of Mixed Methods Research* Vol 1, Issue 1, pp. 48 – 76.

Orlandi, E. P. (2012). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. (10. ed.) Campinas: Pontes Editores.

Pátaro, C. R. (2013). Bastidores do Sexo: Problematizando a pornografia feminista a partir de um olhar sociológico e feminista. *Anais...* Seminário Internacional Desfazendo Gênero, Natal (RN), agosto de 2013.

Ribeiro, P. R. M. (2005). Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: Bortolozzi, Ana Cláudia, Maia, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, p.17-32.

Ribeiro Neto, A. & Ceccarelli, P. R. (2015). Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. *Reverso*, 37(70), 15-22.

Santana, L. M. (2013). *Tem pornô para mulher?* Uma abordagem crítica para a pornografia feminista. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2013.

Vergara, S. C. & Caldas, M. P. (2005). Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. *Revista de Administração de Empresas*, 45(4), 66-72.

Walther, L., & Schouten, J. W. (2016). Next stop, Pleasure Town: Identity transformation and women's erotic consumption. *Journal of Business Research*, 69(1), 273-283.